

A CONSPIRAÇÃO SOMBRIA

JOSÉ MONTEIRO

A CONSPIRAÇÃO SOMBRIA

Porto, agosto de 2026

A Conspiração Sombria
José Luís Santos Monteiro

2ª edição, agosto de 2026.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução deste livro

para fins comerciais sem a permissão do autor.

Índice

Capítulo 1 - O Colapso da Austrália	9
Capítulo 2 - alienspicial	16
Capítulo 3 - Convite para o Desconhecido.....	22
Capítulo 4 - primeiro contato	34
Capítulo 5 - traidora!	44
Capítulo 6 - spulve	54
Capítulo 7 - A verdade sobre chernobyl	64
Capítulo 8 - Ucrânia.....	87
Capítulo 9 - Profecias	103
Capítulo 10 - O preço do futuro!	111
Capítulo 11 - A Escolha da Herdeira.....	115
Capítulo 12 - Ucrânia pôs guerra	120
Capítulo 13 - O Legado das Estrelas.....	125
Capítulo 14 - O Homem Mais Poderoso do Mundo.....	133
Capítulo 15 - Entre o segredo e a verdade!	158
Capítulo 16 - A Nova Imperatriz.....	165
Capítulo 17 - O dia em que o mundo mudou.....	172
Capítulo 18 - A coroa dos spulves.....	192
Capítulo 19 - O inferno do Porto	199
Capítulo 20 - A calma antes da tempestade!	243
Capítulo 21 - O novo mundo.	250
Capítulo 22 - Rumo a Washington	268
Capítulo 23 - O guardião da humanidade.	274
Capítulo 24 - A recompensa do traidor.....	296

Capítulo 25 - O testamento Maia	302
Capítulo 26 - O escudo da humanidade	310
Capítulo 27 - Os últimos dias de paz.....	319
Capítulo 28 - A Última Esperança.....	330
Capitulo 29 - O homem que uniu o mundo!	338

Porque olhamos sempre para o horizonte... quando a verdadeira ameaça pode viver entre nós?

Desde o primeiro fogo até às estrelas, a Humanidade acreditou que cada descoberta a aproximava da verdade. Mas e se cada resposta apenas escondesse uma pergunta ainda maior?

Passámos séculos a aperfeiçoar a arte da guerra. Erguemos fronteiras. Criámos inimigos. Dividimos um único mundo em milhares de interesses diferentes. Chamámos a isso civilização.

Mas o Universo nunca reconheceu fronteiras.

Lá fora, não existem nações. Não existem religiões. Não existem ideologias.

La fora sobrevives....ou desapareces.

E se um dia não estivermos sozinhos... será que estaremos preparados para enfrentar algo que nunca conheceu as nossas regras?

Talvez a evolução nunca tenha sido tornar-nos mais fortes. Talvez seja aprender a ver aquilo que todos insistem em ignorar.

Porque, ao longo da História, o destino da Humanidade nunca dependeu da maioria.

Dependeu sempre daquele que teve a coragem de acreditar que o impossível... era apenas uma verdade à espera de ser descoberta.

O meu nome é José Monteiro.

E esta é a minha história. A história de um homem que percebeu que o maior inimigo da Humanidade nunca veio da Terra.

Capítulo 1

O Colapso da Austrália

O calor daquele inverno o australiano era sufocante. O ar parecia pesado, carregado de uma tensão invisível. No início, ninguém levou o vírus a sério, diziam que era apenas uma “gripe tropical”, algo que logo passaria. Mas os médicos começaram a desaparecer. Os hospitais lotaram. E depois vieram os gritos.

O vírus não matava da forma tradicional. Primeiro, vinham os tremores, os olhos se reviravam, e o corpo convulsionava violentamente. Em seguida, o coração parava e, por alguns segundos, o corpo permanecia imóvel, como morto. Mas então... os olhos se abriam novamente.

Não havia mais humanidade ali. Apenas fome.

As primeiras imagens que circularam mostravam pessoas mordendo umas às outras nas ruas de Melbourne. As autoridades tentaram controlar o caos, mas logo o contágio saiu de controle. Os infectados não reagiam a dor, não paravam mesmo com dezenas de tiros.

Nas bases militares, as ordens eram confusas e desesperadas.

O tenente James O'Connor, das forças especiais australianas, gritava por rádio:

— *Unidade BravoSete, recuar! Recuar agora!*

Mas ninguém respondia. O barulho das sirenes e dos tiros encobria tudo.

Quando os Estados Unidos receberam o pedido de ajuda, enviaram imediatamente uma frota de Navy SEALs, liderados pelo comandante Ethan Walker. O plano era simples, pelo menos no papel: resgatar civis, conter a infecção e evacuar as zonas seguras.

Mas nada saiu como planejado.

Base Militar de Darwin no Norte da Austrália

O som dos helicópteros enchia o ar. Centenas de civis formavam filas intermináveis, tentando entrar nas zonas de quarentena. O chão estava coberto de poeira e sangue seco. Crianças choravam, agarradas aos pais. Soldados, cobertos de suor e fuligem, gritavam para manter a ordem.

— *Próximo grupo, vamos! Movam-se!*

ordenava o sargento Lewis, empurrando a multidão em direção aos portões metálicos.

Entre a multidão, uma mulher idosa caiu no chão. O tenente O'Connor correu até ela, tentando levantá-la.

— *Vamos, senhora, precisamos sair daqui.*

Mas, antes que pudesse ajudá-la, ela começou a tremer. O corpo arqueou, e um som gutural saiu de sua garganta. O'Connor deu um passo para trás, puxando a arma.

Os olhos dela se abriram negros, sem brilho.

— *Merda...*

murmurou ele, antes de apertar o gatilho.

Um tiro. Depois outro. Mas já era tarde. A multidão entrou em pânico. Os gritos tomaram conta do acampamento.

Três semanas depois

O governo australiano declarou lei marcial. As grandes cidades estavam perdidas. As comunicações com Canberra, a capital, tornaram-se instáveis. Os SEALs e as tropas especiais lutavam dia e noite para manter os sobreviventes vivos.

De acordo com os registros militares, mais de dez milhões de civis haviam sido resgatados e transferidos para zonas seguras no interior do país e, posteriormente, levados em comboios navais para os Estados Unidos. Era um êxodo histórico.

Mas o custo foi devastador.

O comandante Ethan Walker recebeu uma missão em Sidney, localizar sobreviventes e levá-los para o Royal National Park antes que seja tarde.

A cidade de Sidney não era mais a mesma. Arranha-céus estavam em ruínas, ruas alagadas de carros abandonados e veículos incendiados, e os gritos de pessoas transformadas ecoavam sem cessar. Uma verdadeira invasão zumbi havia tomado conta da metrópole australiana.

O Comandante Ethan, líder dos Navy SEALs, olhou pela janela do helicóptero que pairava sobre a cidade. Ao seu lado, o Tenente australiano Harris ajustava o equipamento tático.

— *Ethan, pelo que o satélite mostra, a infestação cobre quase toda a cidade.*

— *Sim... e nosso objetivo é simples: localizar sobreviventes e levá-los para o Royal National Park antes que seja tarde.*

O helicóptero desceu com cuidado entre prédios destruídos. Assim que as portas abriram, os soldados sentiram o cheiro de morte e a sensação de perigo iminente.

— *Zumbis à frente!*

gritou Miller, enquanto a primeira horda emergia do beco.

Ethan ordenou:

— *Formem a linha! Sem pânico, precisão máxima!*

As balas ecoavam pelos prédios, derrubando criaturas que avançavam com fome. Entre eles, civis escondidos em escombros tentavam escapar.

— *Comandante! Dois sobreviventes na cobertura do prédio à esquerda!*

alertou Harris.

Ethan assobiou para a equipe.

— *Miller, vai com eles. Harris, cobre a retaguarda. Nós vamos buscar os outros.*

O resgate era tenso. Cada andar subido podia ser o último. Ao encontrarem um grupo de crianças e idosos, Ethan sorriu, apesar do caos:

— *Estamos juntos, vamos tirá-los daqui.*

Mas quando chegavam à saída, a horda aumentou. Os gritos humanos misturavam-se aos gemidos dos mortos.

— *Fogo concentrado! Abram caminho!*

Ethan gritou.

Em segundos, o grupo conseguiu chegar ao ponto de extração. O helicóptero levantou voo, deixando Sidney atrás, agora tomada por um mar de zumbis famintos.

Enquanto isso, no porto, Portugal, José Monteiro e os amigos discutiam a situação do outro lado do mundo. Sentados numa esplanada, com várias cervejas, José não conseguia tirar a ideia da cabeça.

— *Vocês viram os vídeos da Austrália? Isso não é só um vírus...*

disse ele, apontando para o ecrã do telemóvel.

— *Zé, é só um surto viral, pá...* — respondeu Tiago, rindo.

— *Não, são extraterrestres!*

insistiu José, já com a voz a tremer de excitação.

Os amigos riram, mas João sacudiu a cabeça:

— *Zé, isso não faz sentido. É só um vírus. Pára com isso antes que a cerveja te suba à cabeça de vez.*

José deu um gole longo e pensou em voz alta:

— *Se isto é mesmo vírus... alguém tem de provar que não são aliens. Eu sei que são... precisa de haver uma forma de investigar isto.*

Horas mais tarde, já em casa, José cambaleava pelo sala, falando sozinho:

— *Tem de haver alguém que diga ao mundo que isto não é normal... aliens, pá... zumbis... aliens...*

A meialuz, com a cerveja ainda meia cheia na mão. Lá fora, o silêncio da noite parecia demasiado calmo, quase conspiratório. Ele estava sozinho, mas na cabeça de José, uma tempestade de ideias fervilhava.

Pegou no portátil, apoiou-o sobre a mesinha do café e abriu o navegador com dedos trémulos. Digitou Parlamento Europeu

— Então vamos lá... vamos mostrar ao mundo aquilo que eles não querem admitir
murmurou.

José abriu o site oficial do Parlamento Europeu. Pensava que se as pessoas em Bruxelas vissem as imagens, as gravações, os vídeos dos zumbis na Austrália, talvez finalmente

entendessem: aquilo não era só um surto viral ,era uma experiência alienígena.

Com o teclado embalado pelo álcool, começou a redigir uma mensagem formal, embora desajeitada:

Exmos. Senhores do Parlamento Europeu,

Venho por este meio alertar para um grave problema: a invasão de zumbis em Sidney, Austrália, não é simplesmente uma pandemia, mas sim parte de uma experiência alienígena. Eu tenho visto vídeos, tenho estudado os sinais, não é coincidência.

Peço que as respetivas instituições europeias investiguem esta hipótese.

Atenciosamente,

José Monteiro, cidadão europeu.

José sorriu de canto, achando que estava prestes a lançar uma bomba nos corredores do poder. Clicou em Enviar e antes de fechar o portátil, acrescentou em tom dramático:

— Eles vão ter de me ouvir. Vão ter de entender.

Ele tropeçou no tapete e caiu no sofá, enquanto na televisão passavam imagens de um helicóptero de resgate sobre Sidney, cercado por mortos-vivos, em plena invasão zumbi

Fechou os olhos e murmurou para si próprio:

— Agora é contigo, Parlamento. Vamos ver se vocês têm coragem de fazer algo.

Mal sabia ele que, do outro lado da Europa, dois agentes da Alienspecial já estavam a preparar uma operação para entrar na sua vida. Não para desmenti-lo, mas para descobrir se os seus delírios continham “mais verdade do que insanidade”.

Enquanto José dormia, a agência secreta movia-se nas sombras. E assim começava uma nova etapa: José Monteiro, simples cidadão português frequentemente ridicularizado pelos amigos, tornava-se, sem saber, peça-chave num jogo muito maior, um tabuleiro onde zumbis, alienígenas e teorias conspiratórias se entrelaçavam.

E no silêncio daquela noite, algo dentro da Alienspecial já sussurrava: poderemos finalmente estar perto de uma grande revelação

Entretanto na Austrália

Certa manhã, o comandante Ethan Walker foi chamado à tenda principal. Lá, de pé diante de câmeras e oficiais, o Primeiro-Ministro australiano, com a voz embargada, fez o pronunciamento que mudaria tudo.

— Povo da Austrália... salvamos dez milhões de vidas.

Mas perdemos um continente. A situação está fora de controle.

Nossas fronteiras estão seladas. Este será o último voo, o último navio.

Peço a todos os aliados que se retirem. Que o mundo se proteja, pois o inferno agora tem um nome, e esse nome é Austrália.

Silêncio. Nenhum dos soldados teve coragem de aplaudir.

Ethan olhou para O'Connor.

— *Acabou, não é?*

O tenente respondeu, olhando o horizonte coberto de fumaça:

— *Não. Isso só está só a começar*

Capítulo 2 alienspecial

Três meses depois

José Monteiro não era um homem extraordinário. Aos 30 anos, trabalhava como analista de dados, morava sozinho e passava as noites lendo fóruns obscuros sobre civilizações extraterrestres, ou a beber cervejas com amigos.

Desde o colapso na Austrália, algo o incomodava profundamente.

-Não é natural, murmurava para si mesmo. Nada sobre esse vírus é natural.

As redes sociais estavam repletas de vídeos censurados, e José colecionava cada fragmento de informação que conseguia. Ele acreditava em algo que ninguém mais queria ouvir: que o vírus não era obra da natureza, nem de laboratório humano, mas sim de fora da Terra.

Paralelamente, em Bruxelas, num edifício discreto e não assinado, existia uma agência secreta chamada alienspecial, uma organização europeia ultraclandestina dedicada a investigar

fenómenos estranhos: atividades extraterrestres, aparições, anomalias. Poucos sabiam da sua existência.

No interior da agência, na sala de reuniões, o diretor, uma figura austera e calculista, lia a mensagem de José Monteiro no ecrã de um projetor. Ao seu lado, dois agentes, Sofia e Rui, observavam atentamente.

— Então este José Monteiro acredita que os zumbis são obra de extraterrestres?

perguntou o diretor, ajustando os óculos.

— Sim, senhor

respondeu Sofia.

— Ele enviou um email formal ao Parlamento Europeu. Parece acreditar verdadeiramente.

— É interessante

disse Rui, inclinando-se para frente.

— Se está tão convencido, talvez possamos utilizá-lo. Ele pode ser um aliado.

O diretor ficou pensativo.

— Precisamos de entrar em contacto com ele. Mas sem que ele saiba que é connosco. Quero uma entrevista encoberta. Quero perceber o que ele sabe, o que ele acredita e se as teorias dele têm bases reais ou se são, de facto, fruto de bebedeira paranóica.

Sofia assentiu.

— Posso convidá-lo através de um grupo de pesquisa para uma entrevista de opinião sobre: crises globais e comportamento humano

— E eu posso acompanhá-la

Sugeriu Rui.

O diretor sorriu , um sorriso estreito, cheio de planos.

— Façam isso. Mas sejam cautelosos. Se ele estiver certo, podemos ter uma fonte valiosíssima. Se estiver errado, bem, ainda pode servir para nos dar pistas sobre onde procurar.

Era uma tarde de terça-feira quando José recebeu o e-mail. No assunto lia-se:

Convite para participação em grupo de pesquisa: Crises globais e comportamento humano.

Curioso e lisonjeado, José clicou no link e conectou-se à videoconferência. À frente dele, em janelas separadas, estavam duas pessoas sorridentes e formais.

— Boa tarde, senhor Monteiro .

disse Sofia, com uma voz calma e convincente. — Muito obrigado por aceitar participar no nosso estudo.

— Boa tarde! É um prazer .

respondeu José, ainda um pouco desconfiado, mas orgulhoso de ter sido convidado.

— Eu sou Sofia, e este é Rui. Estamos conduzindo uma pesquisa sobre como cidadãos percebem crises globais, pandemias, conflitos internacionais, mudanças políticas e sociais. Queremos compreender a opinião de pessoas engajadas e críticas.

explicou Sofia.

— Certo...

disse José, ajustando-se na cadeira. Já sentia a adrenalina de falar sobre o que realmente acreditava.

Rui começou com a primeira pergunta:

— Então, Sr. Monteiro, como vê a forma como pandemias recentes têm sido geridas? Acha que a resposta global é adequada?

José sorriu, tomando um gole de água, e começou a falar com entusiasmo:

— Olhem... se olharmos para a pandemia, tudo parece... previsível, quase como se tivesse sido planeado. E não me entendam mal, eu não digo que é casual. Mas existe algo maior. Existe uma espécie, ou uma inteligência, que manipula eventos globais para testar a humanidade. Nos últimos anos, temos visto manipulação da informação, das crises, e não podemos ignorar sinais antigos de infiltração...

— *Sinais antigos?*

perguntou Sofia, mantendo o tom neutro.

— Sim!

respondeu José, agora empolgado.

— Há registros históricos, símbolos, culturas secretas. Há rumores de uma espécie alienígena, os reptilianos, infiltrados na Terra há séculos. Eles manipulam governos, crises financeiras, guerras... tudo para moldar a sociedade de acordo com um plano que nós só começamos a perceber agora.

Rui, anotando discretamente, prosseguiu:

— Interessante. E sobre guerras e conflitos internacionais? Acha que existe alguma correlação entre estas crises e o comportamento humano global?

José respirou fundo, pensativo, e respondeu com precisão:

— Absolutamente. Conflitos globais raramente são só sobre território ou recursos. Há padrões. Líderes que parecem escolher o caminho da guerra repetem decisões que beneficiam

forças invisíveis. Olhem para a situação na Austrália agora... a invasão zumbi. A maioria acha que é uma pandemia viral, mas eu acredito que é o primeiro passo de um plano maior, uma experiência que testa como as sociedades reagem à ameaça. Isso mostra claramente que não estamos lidando apenas com eventos naturais ou humanos, há inteligência por trás.

Sofia inclinou-se para frente, mostrando interesse genuíno:

— Fascinante... E quanto à política internacional? Acha que decisões importantes são influenciadas por estas forças externas?

José sorriu, com um brilho nos olhos.

— Sem dúvida. Reparem nas coincidências entre crises, decisões financeiras, manipulação de informação... Não é apenas corrupção ou erro humano. É uma coreografia cuidadosamente desenhada. É como se estivéssemos num tabuleiro de xadrez que outros jogam, e a maioria das pessoas nem percebe. O que vemos na Austrália agora é apenas uma demonstração pública. A crise zumbi é simbólica, um aviso, e serve para testar nossas reações.

Rui e Sofia trocaram um olhar sutil, quase invisível na tela. A EuroSpecial já tinha percebido que José Monteiro não era apenas um bêbado conspiracionista: ele falava com clareza, coerência e perspicácia, traçando conexões que poderiam ser vitais para a agência.

— Muito obrigado, Sr. Monteiro. Suas respostas serão extremamente úteis para nossa pesquisa. disse Sofia, encerrando o encontro de forma polida.

José desligou a videoconferência, sorrindo satisfeito, sem perceber que havia acabado de entregar à EuroSpecial um

mapa completo do seu raciocínio sobre alienígenas e crises globais.

Na sede da agência, Sofia e Rui suspiraram.

— Este homem *sabe demais*, pode realmente ser à chave que estávamos a procura.

murmurou Rui.

— Sim ele *é inteligente o suficiente para descobrir o que falta*.
disse Sofia.

E assim, a EuroSpecial começava a preparar o próximo passo, usando a confiança de José Monteiro para descobrir se os rumores sobre os reptilianos eram apenas teorias ou algo muito mais real

Algumas horas depois, José recebeu uma mensagem anónima:

Parabéns. Foi selecionado para integrar um projeto especial da AlienSpecial.

Designação pública, em determinados países: EuroSpecial.

Aguarde novas instruções.

Não fale disto com ninguém

Capítulo 3

Convite para o Desconhecido

Algumas horas depois de receber a mensagem anónima, José encontrava-se na pista privada do Aeroporto do Porto.

O terminal estava praticamente deserto. Apenas um pequeno jato executivo branco aguardava junto à pista, rodeado por um discreto dispositivo de segurança.

Uma mulher caminhou na sua direção.

— José Monteiro?

— Sou eu.

Ela sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Agente Clara Mendes. Bem-vindo à AlienSpecial.

José apertou-lhe a mão.

— Confesso que ainda nem sei porque estou aqui.

— Vais descobrir dentro de momentos. Mas primeiro, embarquemos.

Subiram a bordo do avião.

O interior era surpreendentemente luxuoso, mas funcional. À volta de uma mesa encontravam-se quatro cientistas, completamente concentrados em computadores portáteis e documentos. Levantaram o olhar por breves instantes para cumprimentar José antes de retomarem o trabalho.

Clara indicou-lhe um lugar.

— Antes de começarmos, trouxe-te o jantar. A viagem será longa.

Enquanto um assistente servia a refeição, José observava discretamente os restantes passageiros.

— Quem são?

— Especialistas em virologia, epidemiologia e genética.

José franziu a testa.

— Então esta missão está relacionada com o vírus da Austrália?

Clara limitou-se a sorrir.

— Em parte.

Esperou que terminasse de comer e retirou uma pasta preta.

— Antes de te explicar seja o que for, preciso que assine este documento.

José abriu a pasta.

Na primeira página podia ler-se:

Acordo de Confidencialidade Permanente

Leu rapidamente as cláusulas. O documento proibía a divulgação de qualquer informação relacionada com a missão, mesmo após o seu término.

— Isto é bastante sério...

— Muito mais sério do que imaginas.

José assinou.

Clara guardou imediatamente o documento.

— Agora posso explicar-te.

Respirou fundo.

— A AlienSpecial é uma organização dedicada à investigação de acontecimentos que possam apresentar indícios de origem... não humana.

José permaneceu em silêncio.

— Não estou a dizer que sabemos que existem extraterrestres. A verdade é que não sabemos. Mas existem demasiados acontecimentos sem explicação lógica. Incidentes, desaparecimentos, fenómenos atmosféricos, alterações biológicas... coincidências a mais para serem ignoradas.

José cruzou os braços.

— E acreditam que tudo isso possa estar ligado?

— Suspeitamos. Apenas isso.

Fez uma pequena pausa.

— Foi precisamente por esse motivo que te convidámos.

Porque li o teu relatório sobre a Austrália.

Entre outras razões. A forma como analisaste o caso chamou a atenção dos nossos superiores.

José olhou pela janela.

— Onde fica exatamente a vossa sede?

— Num edifício isolado nas proximidades do Parlamento Europeu.

José pareceu surpreendido.

— Então são uma agência da União Europeia?

Clara abanou lentamente a cabeça.

— Não.

— Não?

— Oficialmente, muitas pessoas acreditam nisso. É conveniente que assim seja.

José olhou para ela com curiosidade.

— Então quem manda na AlienSpecial?

Clara sorriu.

— Se soubesse, dizia-te. A verdade é que nem eu conheço essa resposta.

José ficou em silêncio.

— Recebemos ordens. Cumprimos missões. E sabemos apenas o necessário.

Em alguns países utilizamos a designação EuroSpecial. Ajuda a manter a ilusão de que somos apenas mais uma agência europeia. Noutros, utilizamos o verdadeiro nome: AlienSpecial.

— Mas a missão é sempre a mesma?

— Sempre.

Baixou ligeiramente a voz.

— Somos uma organização ultrassecreta. Muito poucas pessoas no mundo conhecem verdadeiramente a nossa existência. Entre elas contam-se alguns chefes de Estado e um número muito reduzido de responsáveis governamentais.

José apoiou os cotovelos na mesa.

Pensou durante alguns segundos.

Depois falou calmamente.

— Preciso de te pedir uma coisa.

— Diz

— Quero que investigues quem realmente controla a AlienSpecial.

Clara ficou surpreendida.

— Estas a brincar?

— Não.

Ela observou-o atentamente.

José continuou.

— E se os extraterrestres existirem... e forem precisamente eles os verdadeiros responsáveis pela agência?

O silêncio instalou-se na cabine.

Clara acabou por responder.

— Nunca tinha pensado nessa possibilidade.

— Eu pensaria.

Ela sorriu discretamente.

— Estás a pedir-me para investigar a organização onde trabalho?

— Em segredo. Sem que ninguém saiba. Afirmou José.

Clara refletiu durante alguns instantes.

Por fim, estendeu-lhe novamente a mão.

— Está bem.

José apertou a mão de Clara.

— Combinado. Só voltamos a falar deste assunto quando um de nós tiver novidades. Disse José.

Clara sorriu.

— Espero sinceramente que isso nunca aconteça.

José arqueou uma sobrancelha.

— Porquê?

— Porque significaria que a organização onde trabalho durante tantos anos não é aquilo que sempre pensei.

Afirmou clara Mendes num tom triste.

José recostou-se na cadeira.

— Ou significaria que finalmente descobrimos a verdade.

Clara soltou uma pequena gargalhada.

— Acabaste de entrar na AlienSpecial e já queres investigar a própria AlienSpecial.

— Um investigador nunca deve excluir nenhuma hipótese.

Disse José num tom acelerado

— Nem as mais absurdas? Questionou clara Mendes.

— Principalmente essas.

Ela abanou a cabeça.

— José, estás a construir uma teoria sem qualquer prova.

— Não.

— Não? Questionou clara mendes

— Estou a construir uma hipótese.

Clara cruzou os braços.

— É diferente?

— Muito.

Ela ficou a observá-lo.

— Explica

José apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— Disseste-me há pouco que não sabe quem dirige realmente a agência.

— É verdade.

— Disseste também que a maioria dos agentes conhece apenas a parte da operação que lhe diz respeito.

— Sim.

— E que alguns países utilizam o nome EuroSpecial apenas para dar a impressão de que se trata de uma agência europeia.

— Exato.

— Também me disseste que a sede fica junto do Parlamento Europeu, mas que não pertence à União Europeia.

Clara assentiu.

— Está correto.

José sorriu.

— Então repara numa coisa. Acabou de enumerar quatro factos.

Ela esperou.

— Nenhum desses factos prova que existem extraterrestres.

— Claro que não.

Mas também nenhum prova que não existem.

Clara permaneceu alguns segundos em silêncio.

— Continua a faltar uma ligação lógica. Afirmou clara
Mendes

José inclinou ligeiramente a cabeça.

— A ligação lógica é simples. Se uma civilização extraterrestre quisesse observar a Humanidade sem interferir diretamente, faria exatamente isto.

— Isto?

— Criaria uma organização que investigasse fenómenos estranhos. José afirmou entusiasmado.

— Isso é especulação.

— Claro que é. Afirmou José

Então...

Mas diz-me uma coisa.

Ela esperou.

— Se existirem extraterrestres suficientemente inteligentes para chegar até aqui... acha mesmo que se apresentariam ao mundo dizendo Olá, somos extraterrestres?

Clara sorriu.

— Provavelmente não.

— Então esconder-se-iam. Afirmou José

— Talvez.

— E qual seria o melhor esconderijo?

Ela encolheu os ombros.

José respondeu por ela.

— Uma organização cuja própria função é investigar acontecimentos inexplicáveis.

Clara respirou fundo.
— Estás a imaginar um jogo muito complexo.
— O Universo costuma ser complexo.
Ela voltou a sorrir.
— Continuas sem provas.
José assentiu.
— Concorde.
— Então porque insistes José?
— Porque um investigador não trabalha apenas com
provas.
— Trabalha com quê?
— Com perguntas.
Clara olhou para ele, curiosa.
José continuou.
— A maioria das pessoas procura respostas.
— Sim.
— Eu procuro perguntas que ninguém fez.
Ela permaneceu calada.
José prosseguiu.
— Imagina que daqui a cinquenta anos descobrimos que
os extraterrestres sempre existiram.
— Está bem.
— Qual será a primeira pergunta que a Humanidade fará?
Clara pensou durante alguns segundos.
— Talvez... Onde estavam?
José abanou a cabeça.
— Não.
— Então?
— Como é que não percebemos mais cedo?

Ela ficou pensativa.

José continuou.

— E quando fizerem essa pergunta... alguém responderá:
Porque nunca investigámos quem controlava aqueles que
investigavam.

O silêncio instalou-se.

Clara olhava agora para a mesa.

Finalmente falou.

— Nunca tinha pensado nisso.

José sorriu discretamente.

— Eu sei.

Ela levantou novamente os olhos.

— Mas continua a parecer-me praticamente impossível.

— Também parecia impossível um vírus transformar pes-
soas em criaturas violentas. Afirmou José.

Silêncio.

— Parecia impossível receber uma mensagem de uma
agência ultrassecreta que praticamente ninguém conhece.

Ela soltou um pequeno suspiro.

— Quando colocas as coisas dessa forma...

— Apenas peço que mantendas a mente aberta.

Clara observou-o durante largos segundos.

Depois acabou por rir.

— Agora percebo.

— O quê?

— Porque é que foste escolhido.

José pareceu surpreendido.

— Como assim?

— Quando o teu processo chegou à minha secretária, vinha acompanhado apenas por uma nota.

— Que dizia?

Ela sorriu.

— Este homem faz perguntas que os outros nem imaginam.

José riu-se pela primeira vez desde que entrara no avião.

— Não parece nada de especial.

— Enganas-te.

Ela inclinou-se ligeiramente para a frente.

— Foi precisamente pela tua inteligência que te contrataram.

José abanou a cabeça.

— Inteligência não.

— Não?

— Curiosidade.

— Há diferença?

— Toda.

Ela ficou intrigada.

José explicou.

— A inteligência permite responder.

Sim.

A curiosidade obriga-nos a continuar a perguntar.

Clara permaneceu alguns segundos em silêncio.

Depois sorriu.

— Tenho de admitir uma coisa.

— Diz

— Estava convencida de que esta conversa terminaria em cinco minutos.

José olhou discretamente para o relógio colocado na parede da cabine.

Sorriu.

— Há quanto tempo estamos a discutir?

Clara fez o mesmo.

Os olhos abriram-se de surpresa.

— Três horas e vinte minutos...

José riu-se.

— Afinal ainda conseguimos falar um bocadinho.

— Um bocadinho?

Ela riu-se também.

— Acho que acabámos de ter a discussão mais longa da minha carreira.

A tensão desapareceu por completo.

A partir desse momento, deixaram de falar da agência.

Conversaram sobre as suas vidas.

José contou-lhe alguns episódios da infância no Porto, da paixão pela investigação e das dúvidas que sempre tivera sobre alguns acontecimentos aparentemente inexplicáveis.

Clara falou-lhe do percurso na AlienSpecial, das missões em vários países e da dificuldade em manter uma vida normal quando quase tudo o que fazia estava protegido por sigilo absoluto.

Descobriram que partilhavam o mesmo gosto pela História, pela astronomia e pelos grandes mistérios da Humanidade.

Por momentos, esqueceram completamente que viajavam para uma missão de elevado risco.

Foi então que a voz do piloto ecoou pelos altifalantes da cabine.

— Senhoras e senhores, iniciaremos a descida dentro de instantes. A aterragem está prevista para daqui a trinta minutos.

José olhou pela janela.

As nuvens começavam a dissipar-se.

Sem o saber, estava prestes a dar o primeiro passo para uma realidade que mudaria para sempre a sua vida.

Capítulo 4

primeiro contato

O calor húmido e o cheiro de podridão eram sufocantes. José, agora oficialmente membro da Alienspecial, viajava acompanhado da agente Clara Mendes.

— Sabes por que estamos aqui?

perguntou ela, enquanto o jipe avançava por uma estrada de terra.

— Para investigar o que está a matar as pessoas nesta ilha.

respondeu José, olhando pela janela.

— Correcto. Mas há algo mais. Esta doença não é como o vírus da Austrália. Ela parece... controlada.

A vila de Ambalavao estava praticamente deserta. As poucas pessoas que restavam apresentavam sintomas estranhos: pele esverdeada, pupilas verticais, e uma febre que não baixava nem com remédios.

José observava um dos pacientes enquanto um médico local tentava explicar:

— Chamam a isto de “mal da água”. As pessoas bebem e, em poucos dias, começam a mudar. As veias ficam escuras. Depois vêm as alucinações. No fim, ou morrem... ou desaparecem.

Clara olhou para José, séria.

-E o mais curioso: a água dos poços foi contaminada com uma substância desconhecida. Os laboratórios disseram que não existe nada igual na Terra.

José franziu o cenho.

— Isto é obra deles. É assim que os reptilianos testam os humanos, através da água.

Naquela noite, enquanto Clara dormia na tenda, José ouviu passos lá fora. Saiu armado e viu uma figura de pé à beira do rio.

Era uma mulher alta, de pele bronzeada e olhos de um verde quase impossível.

— Não devias estar aqui
disse ela, sem se virar.

— Quem és tu?
perguntou José, tenso.

— Alguém que não pertence a este lugar.

Ela olhou-o. Havia algo no seu olhar que o desarmou, uma mistura de dor e sabedoria antiga.

— Acreditas em extraterrestres, José Monteiro?
Ele ficou surpreso.

— Como sabes o meu nome?

— Porque o destino quis que nos encontrássemos. Disse a estranha.

Ela sorriu levemente, e José notou pequenas escamas brilhando no seu pescoço, refletindo a luz da lua.

— O meu nome é Ja Ha Si.

Ele deu um passo atrás, o coração acelerado.

— tu... o que és tu?

Ela encarou-o durante um longo momento, antes de responder:

— Sou aquilo que procuras. Sou uma reptiliana.

José não podia acreditar no que acabara de ouvir. Ja Ha Si era... uma reptiliana. A primeira vez que ele realmente viu um deles com seus próprios olhos, não através de vídeos de teorias conspiratórias ou documentos secretos. Ela não era uma lenda, não era ficção científica, era real.

Ela observava-o com aqueles olhos verdes brilhantes. Havia uma aura de mistério em torno dela, como se a sua presença fosse carregada de segredos que José não estava preparado para entender.

— Como sabes o meu nome?

José perguntou, ainda desconfiado, a mão trémula na pistola que carregava.

— Foste escolhido. Não sou eu quem sabe o teu nome, é o destino.

Ela deu um leve sorriso.

Eu e tu temos mais em comum do que pensas.

José engoliu em seco. Ele tentava racionalizar o que estava a acontecer, mas tudo parecia um pesadelo.

— O que queres? Por que me procuraste?

Ja Ha Si parecia pesar as palavras antes de falar.

— Vim porque sei que és a única pessoa capaz de entender o que está a acontecer. E és o único que pode impedir que o pior aconteça.

José franziu a testa, confuso.

— O que está a acontecer?

Ela deu um passo em sua direção.

— Os reptilianos não querem apenas tomar a Terra. O que está por trás disso é muito mais profundo.

Ela hesitou, olhando à sua volta, como se temesse ser ouvida.

— Achas que a pandemia, o colapso da Austrália, tudo isso, foi apenas um acidente? Não foi.

José sentiu uma onda de revelações a surgir, mas ainda estava céptico.

— Então o que é? O que queres de mim?

Ja Ha Si suspirou e virou-se para o rio.

— A verdade, José, é que estamos a morrer. O nosso planeta está a morrer, a água vai acabar. E a única forma de salvarmos a nossa espécie é tomarmos a Terra.

Ela virou-se abruptamente, encarando-o com intensidade.

— Mas isso não é o que eu quero. Não de verdade.

José estava atónito.

— O que queres então?

Ela abaixou a cabeça, quase como se estivesse perdida em pensamentos.

— Eu... quero impedir que a minha raça destrua a tua. Sei que podemos viver juntos, mas eles não querem isso. Eles são implacáveis.

Ele observou a dor nos seus olhos, tentando entender o que ela dizia. Ele sabia, por intuição, que esta mulher tinha algo de diferente. Não apenas pelo facto de ser reptiliana, mas pela sua disposição em falar abertamente sobre os planos da sua própria espécie. Ele nunca imaginaria que uma criatura de outro planeta pudesse se importar com os humanos dessa maneira.

— Estás a pedir uma aliança? perguntou José, hesitante.

Ja Ha Si sorriu de forma amarga.